

Carta de Mário de Andrade a Murilo Rubião

São Paulo, 16 de junho de 1943.

Murilo Rubião.

Fiquei de lhe escrever sobre os seus contos, não fiz, me desculpe. Ponha tudo na culpa da doença. Mas agora me sobra este restinho de noite, preciso ir dormir senão amanhã é dor-de-cabeça na certa. Mas me sobra ainda meia-hora. Não dá tempo pra reler os contos que tenho aqui, mas dá tempo pra copiar umas notas que tomei na primeira leitura. Desculpe, vão elas assim mesmo.

I – Um humorismo áspero, revoltado; um sarcasmo maltratante que provoca a invenção do caso – invenção que é rara e curiosamente impositiva. Dominadora. É estranho mesmo como, passado o primeiro momento fatal em que a gente verifica que está lendo um caso impossível de suceder e às vezes se preocupa uns dois minutos com um possível símbolo, uma alegoria escondida no reconto (e é perigo a evitar cuidadosamente no seu caso): o mais estranho é o seu dom forte de impor o caso irreal. O mesmo dom de um Kafka: a gente não se preocupa mais, e preso pelo conto, vai lendo e aceitando o irreal como se fosse real, sem nenhuma reação mais. Serão talvez essas as qualidades e caracteres dominantes e mais notáveis nestes apenas três contos: o humorismo asperamente amargo e a força estranha de apassivar dominadoramente o leitor, impondo o irreal como se fosse real.

II – Num gênero destes da invenção, há que cuidar muito da... invenção. Escolher muito os elementos, pra não perder a densidade. Isto se nota principalmente em dois casos em que os elementos escolhidos me parecem fracos. No “Mágico” a escolha da profissão de funcionário público me parece muito fácil, pouco sutil, pouco “inventada” e mesmo banal. É uma alusão muito por demais conhecida. O sarcasmo, a dor-de-corno da vida enfraquece muito, sem renovar em nada o caso “funcionário público”. É humorismo, é antes graça em que qualquer Joel Silveira caia. Se inventasse o resto do “Mágico”, está claro – coisa que eu imagino mais impossível a ele. Há que tomar cuidado contra essas armadilhas do enfraquecimento da invenção. Também, no outro conto, a volta à vida do morto, me pareceu muito pouco convincente. Se percebe o bom, o forte da invenção matriz: a situação humorística e bem sarcástica do morto-que-está-vivo. Mas Murilo Rubião não conseguiu justificar (!) suficientemente esse elemento primeiro ótimo. A não-morte do morto na estrada soa como recurso de quem não conseguiu solucionar inventadamente, com lirismo, com criação, o problema que tinha a resolver.

Foram estas as notas que tomei, depois de uma primeira leitura. Desculpe se mando só elas, Murilo, mas estou em exames, é dia inteiro, só tenho umas sobras de noite e no domingo parto pra uma fazenda em descanso absoluto, nem carta. Gostei sinceramente dos seus contos e fiquei querendo mais. Quando copiar, tire duas cópias e vá mandando.

Um abraço do

Mário